

### **Guerra ao meretrício – Prostituição em Itajaí, SC 1950 – 1980**

Onice Sansonowicz  
Historiadora e professora,  
especializanda em História - UDESC<sup>1</sup>

Mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulo das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos pára-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras.<sup>2</sup>

Percorrer as ruas de Itajaí,<sup>3</sup> buscando conhecer os lugares onde se localizavam as casas em que se praticava a prostituição, nos anos compreendidos entre 1950 e 1970, na companhia do Sr. Ivaldo Mendonça,<sup>4</sup> me fez saber uma outra história, ler uma outra cidade. Uma cidade invisível – nas palavras de Ítalo Calvino, possível ser revisitada, hoje, através da memória de quem pisou por aquelas pedras, construiu paredes ou se banhou no rio, ao olhar para essa nova composição é provocado pelo estranhamento, quase num suspiro, evoca uma expressão do tipo: “isso aqui mudou muito pra mim”<sup>5</sup> Empresto os sentidos enquanto historiadora para que através deles o entrevistado pudesse rememorar e transmitir suas lembranças. A cada passo uma outra cidade se formava aos nossos olhos.

Senti os relatos da memória coletados ao longo dessa pesquisa que ainda está em andamento, por vezes, como que fugidos do romance de Drummond.<sup>6</sup> Não raro, durante as entrevistas, senti-me na Belo Horizonte citada pelo romancista, onde interesses políticos e imobiliários, somados a moral religiosa, investiram pesado na transferência das “*camélias*” para o local que conviesse a seus interesses.

Em outros lugares, outros pesquisadores dão conta de que situações semelhantes podem ser verificadas. Maryana Cunha Ferrari, quando investigou a criação da Vila Palmira em Florianópolis, constatou que

(...) a Vila Palmira apareceu no cenário da Grande Florianópolis, em 1960, num momento em que os discursos moralizadores, higienistas e urbanistas retiraram as prostitutas do centro da cidade e de toda sua extensão e as confinaram num loteamento, isolado e de pouco acesso, localizado no Bairro Jardim Cidade de Florianópolis, região de São José.<sup>7</sup>

Em Blumenau, pesquisas apontam que desde o início do século XX houve um grande esforço para banir a prostituição das áreas centrais, para longe dos olhos das “famílias de bem”, e dos turistas, uma vez que depunha contra os conceitos de civilidade, disciplina e moralidade que se buscava ostentar.<sup>8</sup> Essas práticas correspondiam a um padrão de urbanização seguido em muitas capitais, como São Paulo, Florianópolis, Porto Alegre etc, buscando afastar e esconder as misérias dessas sociedades. Pertinente lembrar também como foram encaminhadas as transformações urbanísticas na cidade do Rio de Janeiro do início do século, quando de uma forma traumática convergiu para o sacrifício de grupos populares.<sup>9</sup>

Richard Sennet<sup>10</sup> nos mostra como, a partir do século XVII, ao passo que as descobertas acerca do corpo humano especialmente da circulação sanguínea vão sendo feitas, mudanças significativas na conformação urbana por todo mundo vão sendo efetuadas. É a cidade moderna, se descobrindo enquanto corpo. A cidade passa a ser pensada enquanto um mecanismo racional, possível de ser apreendida em toda sua totalidade. Vários olhares se voltam para ela, no sentido de esquadrihar o espaço urbano, controlando a ele e aos que nele se alocam. As forças se aglutinam no sentido de tornar a cidade arquitetonicamente perfeita, asséptica, com padrões, condutas e valores dignos de quem deveria ser *civilizado*. É a cidade modelo que se cria.<sup>11</sup>

A cidade de Itajaí de meados do séc. XX, vivia o desejo de se colocar em dia com o progresso. Esse crescimento se deve principalmente ao fato de ter sua economia fortemente cimentada na exportação de madeira, que por conseqüência vai aquecer as atividades portuárias aglutinando em torno de si um grande contingente de empregos ligados a essas atividades, como nos coloca Rita Cássia das Neves Nardes.<sup>12</sup>

Se, por um lado, a cidade crescia, por outro, enfrentava dificuldades como ruas sem calçamento, constantes racionamentos de água e luz, falta de esgoto e saneamento. A água encanada, por exemplo, era privilégio das elites; aos demais, chegava no máximo até a rua numa torneira de uso público.

A prostituição estava cotada entre os 'vícios' que apareciam com o desenvolvimento da cidade, como aparece nos discursos da imprensa e nos documentos oficiais. Forçado pelas ondas de moralização e urbanização, o discurso da igreja, proferido através dos sermões, colaborava com o desejo de limpeza, como aparece na fala do Sr. Ivaldo,<sup>13</sup> referindo-se ao Cônego Vendelino Hobold, pároco da paróquia do Santíssimo Sacramento, o qual deixa claro ser este assunto em pauta na época. Diz ele que "(...) das prostitutas, ele falava que tinha que acabar com isso aí, com essa vergonha no centro da cidade. Até lá na Praia Brava ele falava tudo. Esses homens sem caráter que deixa mulher em casa e vão pra lá...".

O apelo feito pelos ditos "cidadãos de bem", contava com o apoio daqueles encarregados de manter a ordem como se pode perceber nessa nota:

É pensamento do Dr. Arnaldo Xavier, Delegado Regional de Polícia de Itajaí, iniciar uma verdadeira campanha de limpeza em nossa cidade procurando assim livra-la de elementos vadios e perigosos, assim como, também de decaídas que perambulam pelas ruas.<sup>14</sup>

Nos jornais, vontade expressa do articulista ou das "*famílias de bem*", providências eram exigidas do poder público e das autoridades tidas como competentes no sentido de afastar aquilo que é possível ler nas manchetes: "Antros de perdição empestam Itajaí – Casas de tolerância tomam conta da cidade."<sup>15</sup> Essa assertiva é perceptível na indignação descrita no jornal da época: "Existem aqui em Itajaí, enquistados em zona familiar, diversos e mal disfarçados bordéis."<sup>16</sup>

Através desses ataques é possível perceber que falamos de duas cidades. Uma cidade dita das "famílias de bem", de moral irretocável - o nós -, e a cidade condenável, "o

quisto” como se referiu o jornal. Ao insistirmos na perspectiva da cidade enquanto corpo é possível compreendermos a metáfora – quisto – enquanto algo indesejado, algo a ser extirpado -, o outro. Até os meados do séc. XX, era possível perceber a presença de casas de meretrício ou bordéis, em regiões muito próximas ao centro da cidade, conforme atestam as denúncias dos jornais da época:

(...) assim, hoje resumidamente, tornamos público as reclamações de inúmeras famílias itajaienses contra a existência dos seguintes estabelecimentos suspeitos e fora da lei existentes na cidade: - na esquina da rua José Candido com a rua Blumenau, uma casa de perdição( o proprietário do prédio mora ao lado); uma “churrascaria” perto do “Bar Havana”, Bar Oliveira, na Coloninha; casa de Laura de Tal, na Rua Olegário de Souza Júnior, outra a frente da precedente; outra casa no Beco do Adão, outra no Beco do Anísio, cuja proprietária é cartomante e com seus sortilégios tem desunido casais, ( e Araci de Tal) outra casa no Beco da Bananeira, bares na coloninha, Churrascaria na Praça do Mercado, uma casa no final da linha do ônibus dos cordeiros, uma na Barra do Rio, perto da Shell, um hotel perto da Bauer e etc...<sup>17</sup>

Outros relatos dão conta da existência de casas nos anos 1949-1960, desde a Rua Camboriú, passando depois para a Sete de Setembro, e posteriormente Avenida Marcos Konder, e na rua Uruguai.<sup>18</sup> Não se pode esquecer que, por ser uma cidade portuária, muitas destas casas ficavam localizadas na região do porto, quando a prática da prostituição se dava nas ruas.

Essas mesmas ruas estavam localizadas em áreas centrais, ou pelo menos muito próximo destas, e ostentavam (e ainda ostentam) as formosas casas que abrigavam as elites locais, algumas levando o nome de “cidadãos ilustres” que ocuparam a cena política por muito tempo, como Rua José Bonifácio Malburg, Rua Lauro Muller, Rua Samuel Heusi, a Vasconcelos Drummond que nessa época passa a ser chamada Avenida Marcos Konder. Esses nomes de ruas assim como os bustos, os nomes de prédios públicos desejam inscrever uma cidade que se quer eterna, permanente, imutável.

Rachel Soihet, ao estudar o tratamento dado as prostitutas no Rio de Janeiro, vai perceber que não havia interesse em acabar com a prostituição, por “esta ser negativa apenas em seu estado de descontrole e desconhecimento. A medicina propunha uma

mudança com base na afirmação que seria a prostituição essa um mal necessário.”<sup>19</sup> Com base nessa assertiva podemos afirmar que alguns fatores como a não proibição da prostituição, o fato de não ser considerada crime, fazem pensar que não havia realmente interesse em acabar com a prostituição. Ainda segundo Rachel Soihet, já que a prostituição fora considerada “um mal necessário”, e não havia possibilidade nem interesse em eliminar nem regenerar a prostituta, o objetivo era “criar um lugar higiênico, onde as prostitutas higienizadas pudessem exercer sua benéfica função”.<sup>20</sup> É com o interesse de normatizar e higienizar a prática da prostituição que a imprensa, no final dos anos 1950, passa a promover uma guerra a esta prática, e um articulista assim se expressa: “Assinale-se de passagem que no Município só há um bairro que não é familiar: o “terreno cinzento” da cidade, a descida do Morro Cortado onde se encontram confinadas e onde são policialmente toleradas as heteras”.<sup>21</sup>

Com a insistência dos discursos, percebe-se que as prostitutas vão sendo afastadas para regiões periféricas, a princípio a Rua Uruguai e mais tarde a Praia Brava que constava como um local longínquo e desabitado (uma vez que o transporte da época era à base de carros de molas). Além do difícil acesso, a Praia Brava, trazia consigo uma carga de desprezo e, portanto, não indicada para gente de respeito (hoje, um balneário de veraneio muito freqüentado por turistas e nativos).

Ao final da década de setenta, diretrizes do novo governo ensejavam a construção de uma cidade mais bonita, mais asseada, mais progressista. Nas palavras do jovem prefeito municipal da época, Amílcar Gazaniga, esse desejo fazia parte de um grande projeto de urbanização, ou seja, mudar a geografia do crescimento da cidade.

(...) Eu achava que ela deveria ter optado pela expansão aqui em direção a Balneário Camboriú e Navegantes. (...) outros motivos que a gente detectou que a cidade estava se expandindo para o lado errado, primeiro aquela barreira do rio, aquela bobagem de ser o outro município e o outro, por que aqui em Balneário Camboriú, ele estava bloqueado pela zona de meretrício, que era ali na Praia Brava, que eu fechei quando prefeito, eu desautorizei aquilo ali... bom, deu uma confusão danada, por que o pessoal achava que foi uma medida autoritária<sup>22</sup>

Perceptível na fala do ex-prefeito a preocupação com o progresso da cidade. Se este viria às custas da expropriação de corpos e territórios, o fazia em nome de um bem maior. E assim se fez. A medida usada para o fechamento desses locais era basicamente a não concessão de alvará de funcionamento e da cassação do alvará sanitário, o que não era muito difícil, uma vez que essas habitações raramente possuíam as normas de higiene exigidas pela Vigilância Sanitária.

Contudo, não podemos deixar de lembrar que essas medidas, ao serem tomadas tenham sido aceitas tranquilamente. Como o próprio entrevistado citou, as pessoas reagiram, mas pelo visto pouco adiantou...

Cabe aqui lembrar que Itajaí se apresenta, hoje, como uma das cidades melhor situadas economicamente no estado, fazendo parte da rota turística. Hoje, a região central nem de perto lembra àquela dos meados do século XX, a Praia Brava, cresceu em termos de urbanização, ruas calçadas intercalando belas residências e uma intensa área comercial, a avenida duplicou possibilitando a fluidez do tráfego que liga Itajaí - Balneário Camboriú, igrejas, escolas foram construídas. Quanto às prostitutas? Encontrei algumas morando ainda naquele mesmo local, tendo abandonado a profissão, e as demais por certo migraram para outros locais, especialmente Balneário Camboriú, onde por conta da questão turística puderam se instalar.

Ao contrário do romance de Drummond<sup>23</sup>, as “camélias” de Itajaí, não tiveram a mesma sorte de Hilda Furção, podendo optar por um final onde sua inexistência corroboraria a ficção. Na história oficial da cidade planejada, a prostituta não consta. Não consta e não conta. E depois de saber que por aqui, homens e mulheres de carne e osso, experimentaram toda sorte de alegrias, prazeres, festas e por que não infortúnios, afirmar que aceitaram de forma pacífica às imposições seria demasiado ingênuo. Mas essa é outra história, o que mostra a incompletude desse artigo. E estão vivas... na memória, de

muitos que viveram bons momentos e hoje recordam . Seu Ivaldo que o diga: “se eu pelo menos encontrasse a Perla”,<sup>24</sup> comentou-me ele nostálgico, referindo-se a uma de suas paixões de quando boêmio.

---

<sup>1</sup> Cursando Pós Graduação em História , em nível de Especialização na Universidade do Estado de Santa Catarina ( UDESC) onicesan@yahoo.com.br

<sup>2</sup> CALVINO, Ítalo. *As cidades invisíveis*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>3</sup> Itajaí localiza-se no litoral norte do estado de Santa Catarina e hoje conta com aproximadamente 140 mil habitantes.

<sup>4</sup> MENDONÇA, Ivaldo. Senhor de 71 anos, antigo freqüentador de casas de prostituição, que gentilmente percorreu diversas ruas da cidade juntamente com o professor José Bento Rosa da Silva e a autora onde nos mostrou os locais onde funcionavam essas casas nos meados do Séc XX. Agradeço a ambos.

<sup>5</sup> MENDONÇA, Ivaldo. Idem

<sup>6</sup> DRUMMOND, Roberto. *Hilda Furacão*. São Paulo: Siciliano, 1991.

<sup>7</sup> FERRARI, Maryana Cunha. *Entre a cruz e as delícias: prostituição, imaginário e cotidiano em Florianópolis (1960 a 1980)*, UDESC. Monografia de Especialização em História Social no Ensino Fundamental e Médio. 2001. pg 7

<sup>8</sup> KRAMER, Celso. CIFUENTES, Sandro Luiz. *Um estudo da história da prostituição na sociedade blumenauense entre os anos de 1890 a 1990 – Parte II*. In Ver. Blumenau em Cadernos, N7/8 Jul/Ago 2003.

<sup>9</sup> CHALLOUB, Sidney. *Cidade Febril: Cortiços e epidemias na Corte Imperial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

<sup>10</sup> SENNET, Richard. *Carne e Pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental*. Rio de Janeiro: Record, 1997. p. 214-306

<sup>11</sup> BRESCIANI, Maria Stela M. *Permanência e ruptura no estudo das cidades*. Anais do III Encontro Estadual de História. Florianópolis – UFSC/ ANPUH SC

<sup>12</sup> NARDES, Rita Cássia das Neves. *A casa de Maria: o castelo da exclusão – Cotidiano e Resistência à Beira do Cais, em Itajaí, na década de 1960*. Itajaí, 2002. Monografia ( Graduação em História ) Universidade do Vale de Itajaí.

<sup>13</sup> MENDONÇA, Ivaldo. Entrevista concedida a Onice Sansonowicz em 19 de abril de 2005. Acervo particular da autora.

<sup>14</sup> *JORNAL DO POVO*, Itajaí 03 de ago. 1963

<sup>15</sup> *JORNAL O POPULAR*, Itajaí, 16 de set. 1966

<sup>16</sup> Idem

<sup>17</sup> *JORNAL O POPULAR*, nota publicada em 16/09/1960.

<sup>18</sup> Op. cit

<sup>19</sup> SOIEHT Rachel, *Condição feminina e formas de violência: mulheres pobres e ordem urbana: 1890-1920*

<sup>20</sup> Ibidem

<sup>21</sup> Ibidem

<sup>22</sup> GAZANIGA, Amílcar. Entrevista concedida a Onice Sansonowicz em 02 de fevereiro de 2005.

<sup>23</sup> Idem, ibidem

<sup>24</sup> Ibidem